

«E aproximou-se dele um leproso que, rogando-lhe, e pondo-se de joelhos diante dele, lhe dizia. Se queres, bem podes limpar-me. E Jesus, movido de grande compaixão, estendeu a mão, e tocou-o, e disse-lhe: Quero. Sê limpo. E tendo Ele dito isto, logo a lepra desapareceu e ficou limpo.»

Marcos 1:40/42

«E aconteceu que, indo Ele a Jerusalém, passou pelo meio da Samaria e da Galileia; E entrando numa certa aldeia, saíram-lhe ao encontro dez homens leprosos, os quais pararam de longe; E levantaram a voz dizendo: Jesus, Mestre, tem misericórdia de nós. E Ele, vendo-os, disse-lhes: Ide e mostrai-vos aos sacerdotes. E aconteceu que, indo eles, ficaram limpos»

Lucas 17:11/14

Raoul Follereau O Peregrino do Amor

Este homem pode muito bem ser considerado o apóstolo moderno na luta contra a lepra (ou mal de Hansen) como é conhecida a doença cientificamente. Follereau consagrou grande parte da sua vida na luta contra esta doença. Ficou conhecido em todo o mundo como o Peregrino do Amor. Em anos difíceis, durante a Segunda Guerra Mundial, sem apoio, sem condições de transporte, nunca deixou de percorrer os lugares mais remotos, ao encontro dos pobres e, sobretudo, ao encontro dos doentes com lepra levando-lhes toda a ajuda material possível, mas sobretudo o seu grande e imenso amor por todos eles. Este homem, oriundo de família abastada, nasceu em França no ano de 1903 e, desde jovem, elegeu um mote para a sua vida: *«Viver, significa ajudar ... Ser feliz é fazer os outros felizes!»*.

Como jornalista e repórter percorreu o Mundo e foi no decorrer de uma reportagem, para assinalar os vinte anos do assassinato do Padre Charles de Foucauld, no deserto da Argélia que Raoul Follereau, acompanhado de sua mulher se deslocou ao deserto do Saara. Esta viagem mudou a sua vida e a de milhões de leprosos. Nas margens do rio Níger encontrou, pela primeira vez na vida, os leprosos quase sem rosto, mãos e pernas deformadas. Quando regressa a França fá-lo com o firme propósito de trabalhar na ajuda daqueles doentes. Devido aos seus textos jornalísticos, acusando a hipocrisia dos Governos do Mundo e atacando directamente o regime nazi é obrigado a fugir e a esconder-se num Convento de Freiras. Aqui, começa a trabalhar num projecto de construção de uma aldeia para leprosos na Costa do Marfim.

Mesmo com as tristes consequências do pós - guerra, através de artigos e programas de rádio toma finalmente corpo o projecto **“Adzope”** que deu origem ao Instituto Nacional para a Lepra. Sobre este projecto Follereau referiu que se tratava apenas de **«Uma pequena jangada no oceano das misérias humanas»**. Mas esta “jangada” transformou-se na esperança de milhões de leprosos numa altura em que, mais do que doentes, estas pessoas eram isoladas do resto do mundo e tratadas como lixo social. Tal como tinham sido no tempo de Jesus e, mais tarde, em plena Idade Média, no tempo de Francisco de Assis. Também para Francisco, no início da sua caminhada, o encontro com um leproso lhe mudou a vida para

sempre; Ao encontrar-se frente a frente com o leproso, cujo rosto em chaga o impressionou, o primeiro impulso foi fugir. No entanto, ao lembrar-se de Jesus, das passagens dos Evangelhos de Lucas e Marcos, hesitou pensando no que faria o Mestre. Obviamente que Ele ficaria e Francisco forçou-se a ficar. Deixou que todo o amor que lhe enchia o coração o inundasse e ali ficou, amorosamente falando com o leproso. A este respeito o Professor Agostinho da Silva refere: **«Francisco leu claramente nos seus olhos a imensa miséria, o inexprimível desespero daquele homem que todos repeliam: o seu irmão leproso não reclamava só a esmola, reclamava acima de tudo a compaixão e o amor»** (AS).

Follereau deve ter experimentado algo parecido ao que Francisco sentiu; A falta de amor era, acima de tudo, a maior doença, o maior dos males daqueles seres rejeitados por todos. Percorreu milhares de quilómetros procurando auxiliar os leprosos do mundo escreveu num dos seus artigos: **«Vi leprosos no meio de loucos, leprosos nos desertos, confinados em cadeias e cemitérios. Vi tudo isso pessoalmente, em pleno Séc. XX, quando já existe a possibilidade de cura»**. Funda a “Ordem da Caridade” que passou a designar-se “Fundação Raoul Follereau”.

Convoca a primeira “JORNADA PARA O LEPROSO” (1954) data ainda hoje assinalada em Portugal, e na maior parte do mundo, no último Domingo de Janeiro. Follereau toma a iniciativa e escreve aos dois Presidentes das maiores potências económicas - ao presidente americano, Dwight Eisenhower e ao russo, Georgi Malenkov - **«Aquilo que vos peço é muito pouco. Peço um avião bombardeiro a cada um (...) com o dinheiro desses dois aviões podem-se curar todos os leprosos do mundo»**. Nenhum dos Presidentes lhe respondeu.

Nesta sua luta Follereau percebeu que a doença tem cura e que podia mesmo ser evitada num ambiente social mais saudável, sem miséria, sem fome e com saneamento básico obrigatório.

Milhares de jovens em todo o mundo empenharam-se activamente em várias campanhas humanitárias fazendo um admirável trabalho de voluntariado. No seu testamento espiritual, Follereau deixou escrito: **«Nomeio minha herdeira universal a juventude do mundo. Toda a juventude de direita, do centro, de cima... que importa? Toda a juventude. (...) Só há um céu para todos. Mais a minha vida se aproxima do final, e mais sinto o imperioso dever de repetir: somente com amor salvaremos a humanidade a ainda: a pior da desgraça que vos pode acontecer a vocês, jovens, é não serem úteis a ninguém e que as vossas vidas não sirvam para nada. O tesouro que vos deixo é o bem que deixei de fazer, que gostaria de ter feito e que vocês farão depois de mim...»**

Raoul Follereau morreu em 6 de Dezembro de 1977. O seu biógrafo perguntou-lhe se temia a morte e ele respondeu apenas: **«Ter medo de Deus? Não! Deus é bom. É com muita tranquilidade que me apresentarei ao seu encontro»**.

Na nossa óptica, mais do que a imensa obra em prol dos doentes de Hansen efectuada por Follereau, o mais significativo é o ensino que lhe está subjacente. Ou seja, com o seu exemplo, podemos distinguir dois tipos de caridade: a material e a moral. De facto, é a caridade moral que, neste exemplo concreto, nos ensina e relembra que o mais importante é criarmos condições em nós, que nos permitam auxiliar amorosamente os nossos irmãos, tal como o Mestre nos ensinou. Não só os mais desamparados, porque esses, ao vivenciarem o seu sofrimento, estão já a ser amparados pelo Pai mas, ajudar os outros a descobrirem dentro deles que é o Amor, o verdadeiro Salvador, o Princípio Divino dentro de nós.

Ana Maria Costa

17 de Maio de 2006

AELA